

Xavantes podem abrir luta para garantir reserva

Do Correspondente em CUIABÁ

Vinte anos depois de terem sido pacificados pelo sertanista Francisco Meirelles, os Xavantes podem abrir uma guerra contra os brancos nos próximos dias, caso estes não abandonem as terras a eles destinadas pelo decreto presidencial n.º 71.106, de 15 de setembro de 1972, que criou as reservas indígenas de Sangradouro, São Marcos, Pimentel Barbosa, Couto Magalhães e Arcoés, atualmente ocupadas por 2.500 índios.

A Fundação Nacional do Índio — Funai marcou para o fim deste mês o início dos trabalhos de demarcação das reservas, enquanto dezenas de fazendeiros que moram na região há muitos anos e possuem títulos de propriedade das terras, expedidos pelo Departamento de Terras do Estado de Mato Grosso, reclamam contra o que consideram "uma injustiça" e acham que os índios poderiam ser instalados em áreas devolutas.

Os rumores de que o Inca estaria tentando conseguir novas terras para os fazendeiros que serão expropriados foram desmentidas, ontem, pelo representante do órgão em Cuiabá, Marcos Martinelli. "Não vejo como possa vir a solucionar o impasse" — afirmou.

A 5.ª Delegacia Regional da Funai, por sua vez, prefere silenciar sobre o assunto. Alguns funcionários, porém, deixaram escapar o comentário de que, ao iniciar-se a demarcação das reservas, "quem estiver dentro pode ir tratando de cair fora".

Em Cuiabá, admite-se a possibilidade de ocorrência de graves conflitos, a exemplo dos que aconteceram entre os posseiros de São Félix do Araguaia e a Codeara — Companhia de Desenvolvimento do Araguaia.

Enquanto os fazendeiros afirmam que não abandonarão suas terras, os Xavantes dizem que se a reserva não for demarcada no prazo previsto pela Funai acabarão "perdendo a paciência".

Os fazendeiros de Sangradouro e São Marcos, em Mato Grosso, estão preocupados com a possibilidade de ocorrência de injustiças, no caso da expropriação de suas terras para a instalação das reservas indígenas dos índios Xavantes.

Em memorial dirigido ao presidente da República, afirmam que "quando a FUNAI começou o trabalho de criação dessas reservas sabia que as terras ocupadas pelos indígenas tinham proprietários legais. Reclamam providências do ministro do Interior, Costa Cavalcanti, que lá esteve no ano passado e prometeu "evitar injustiças".

ESCLARECIMENTOS

Dois fazendeiros paulistas que estão na iminência de perder suas terras — Gentil Stortil Filho e Luiz Carlos Ribeiro Costa — foram ontem ao Departamento de Terras de Mato Grosso, pedir esclarecimentos sobre a situação das terras que adquiriram em 1948, legalmente. Lá, foram informados de que "o Estado de Mato Grosso havia vendido aquelas terras em boa-fé e que elas, na verdade, nunca foram reserva indígena". Os fazendeiros exibiram uma declaração do padre Mário Otorino Panziera, diretor da Colônia Indígena do Meruri — onde vivem os Bororós — atestando que os primeiros índios chegaram ao local em 1957, escorraçados de suas terras, no Couto Magalhães, região da margem esquerda do rio das Mortes.

O MEMORIAL

O memorial, assinado pelo prefeito de Barra do Garça — porta-voz dos fazendeiros — faz um histórico da situação, lembrando que 47 famílias, com um rebanho bovino de mais de 5 mil cabeças de gado, poderão ficar sem teto e sem ter seus ouvidos, alegando que existem muitas áreas devolutas, fora da reserva indígena, que poderiam ser entregues aos índios, sem causar prejuízos aos fazendeiros.

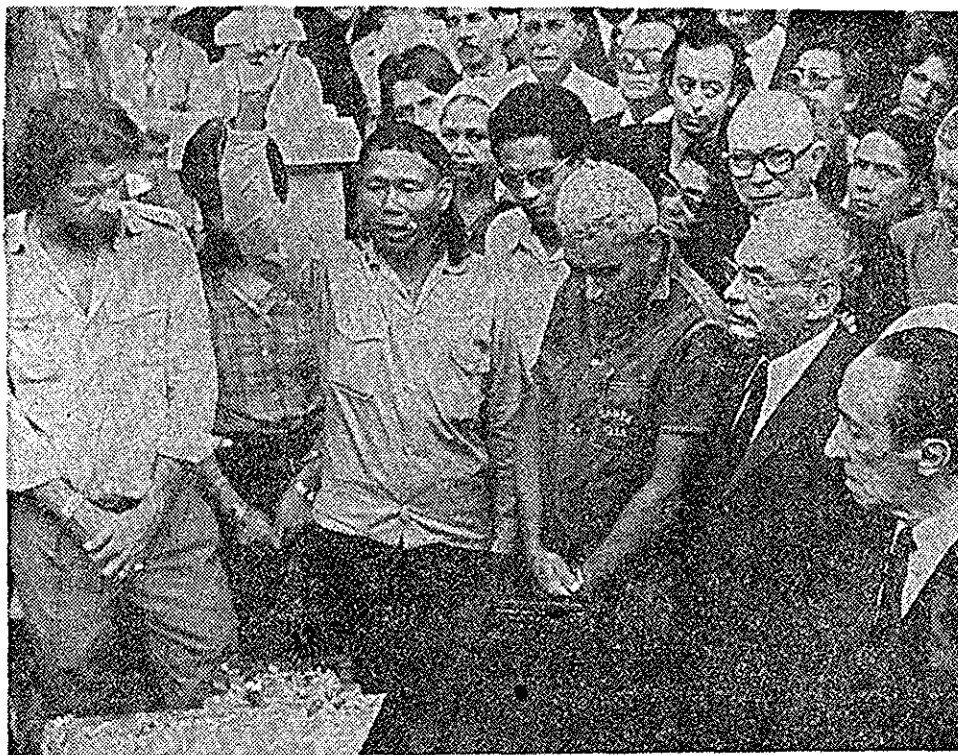


Foto Sucursal do Rio

Em dialeto Ge, Warodi se despede de Meirelles em nome de todos os índios

O adeus do índio, última homenagem a Meirelles

Da Sucursal do RIO

"Finalmente chegou a morte de Francisco Meirelles, nosso pai que tanto lutou por nós. Vou levar esta notícia à nossa missão. Estou muito impressionado com o que aconteceu no Rio de Janeiro, e vou contar isto aos índios que tanto amaram. Não posso dizer muitas palavras porque não me sinto à vontade e estou muito triste. *Oto ro wasa, Wi ja, ra wa. Aba mono. Oto icarova.* (Seu Francisco Meirelles faleceu. Agora você tem que rever os índios no lugar deles)".

Expressando-se em dialeto Ge, e apoiando suas palavras, que soaram com um poema, em gestos que ora pareciam os de uma bênção, ora os de quem lança um tapa, o capitão do aldeamento Xavante do rio das Mortes, Warodi, filho do cacique Apoena, assim se despediu, à beira do túmulo, em nome de seus irmãos índios, do sertanista Francisco Meirelles, levando lágrimas aos

olhos de todos que assistiam ao sepultamento.

Ao se despedir do marido, ainda na capela do Cemitério São Francisco Xavier, a viúva Abigail, companheira de muitas expedições do marido, teve um acesso de choro e exclamou: "Ele foi injustiçado". Seu filho Apoena então tomou a palavra e disse que era preciso que aquela frase fosse esclarecida. Explicou que na verdade seu pai sofreu injustiça quando era diretor do Serviço de Proteção aos Índios, na época de José Gama Malcher, responsável pela abertura de um inquérito contra Meirelles e seu irmão Silvio, este último demitido do SPI. Afirmou Apoena que entretanto seu pai não se abateu com os ataques e continuou lutando pelos índios tendo sido respeitado por todas as diretorias da Funai.

Francisco Meirelles, que faleceu segunda-feira de madrugada, vítima de um enfarte do miocárdio, foi sepultado, ontem, pela manhã, no jazigo de sua família, no Cemitério São Francisco Xavier, numa cerimônia simples, que contou com a pre-

sença de cerca de 200 pessoas, entre as quais um grupo de índios, sua viúva Abigail e seus cinco filhos, sertanistas e antropólogos e o presidente da Funai, general Antonio Bandeira de Melo.

Em nome de sua família falou seu sobrinho, Bolívar Meirelles, que destacou que não queria marcar sua despedida com uma visão piégas, mas queria estabelecer a verdadeira imagem do tio.

"Meirelles desapareceu, mas sua idéia integradora e miscigenadora de sentimentos nacionais e internacionais continua", afirmou, dizendo que "ao redor de seu túmulo não se via quepes e uniformes engomados de brigadistas e almirantes, mas índios, brancos e pretos, num exemplo vivo desta integração que ele defendia".

A despedida da família foi seguida pela despedida de Warodi, falando em nome não só dos índios de sua tribo, os Xavantes, mas de todos os índios. Falou mais de cinco minutos em dialeto Ge, sendo suas palavras traduzidas pelo índio Nicoletu Seranque.

Apoena desmente a intenção de parar

Das Sucursais do RIO e de BRASÍLIA

Apoena Meirelles desmentiu ontem, no Rio, que estivesse para abandonar a Funai e seu trabalho com os índios Kranhacãrores. Afirmou que continuará a se dedicar aos índios e que de agora em diante tem responsabilidades dobradas para prosseguir a obra de seu pai.

O sertanista deverá voltar à Brasília, onde se casará no dia 12 de julho, com Denise, que é antropóloga, retornando depois para o aldeamento do rio Peixoto de Azevedo, onde pretende continuar seu trabalho de aproximação com os Kranhacãrores.

SUBSTITUTO

A Funai não escolheu ainda um substituto para o sertanista Francisco Meirelles, no cargo de assessor da Coordenação da Amazônia, mas os técnicos do órgão adiantaram que atualmente uma das únicas pessoas capazes de assumir a mesma responsabilidade seria o sertanista Gilberto Figueiredo, responsável pela atração dos índios Waimiri-Atroari, em Roraima. A Funai pretende manter sempre na Coordenação da Amazônia um sertanista experimentado para colaborar no planejamento do trabalho de atração de grupos indígenas nas rodovias Transamazônica, Cuiabá-Santarém e Perimetral Norte.

CONSTRANGIMENTO

Fontes ligadas à presidência da Fundação Nacional do Índio receberam com visível constrangimento as indagações feitas sobre a posição da Funai, diante das críticas dirigidas ao órgão pelo sertanista Apoena Meirelles, em Cuiabá, apontando erros na política indigenista brasileira. "Numa hora de tristeza e consternação pela morte de Francisco Meirelles — disseram — conside-

ramos inoportuno rebater críticas, especialmente, vindas de Apoena".

FUNAI INVESTIGARA

A Funai pretende investigar se houve participação de funcionários do órgão na organização da apresentação de um ritual de índios Xukucrus para turistas em Pernambuco, patrocinado pela Empresa Pernambucana de Turismo na localidade de Pesqueiras. Existe uma ordem baixada pela Fundação Nacional do Índio, remetida

a todas as delegacias regionais, proibindo exibições públicas de rituais indígenas com fins lucrativos.

Fonte da Funai adiantou que além da apresentação para turistas, a entrada de pessoas estranhas no Posto Indígena de Pesqueiras, não é permitida, pois as reservas, parques e postos da Funai só podem ser visitados com a autorização da Presidência do órgão, que estuda as finalidades da visita antes de permiti-la.

Orlando silencia, para não desunir

Do Serviço Local

O sertanista Orlando Villas Boas prefere silenciar diante das respostas de Apoena Meirelles refutando as acusações de que ele e os membros de sua expedição teriam levado a doença de pele aos Kranhacãrores — índios gigantes — recentemente contactados por Cláudio Villas Boas. Com seu silêncio o sertanista pretende "cortar pela raiz, uma polêmica sem sentido, criada pela imprensa".

Orlando nega ter atribuído a Apoena a responsabilidade pela doença, assinalando ter declarado a um jornal do Rio apenas que "como acontece naturalmente, todos os grupos indígenas que vivem isolados, facilmente contraem os males da civilização quando em contato com frentes pioneiras". Adiantou, porém, que "as feridas purulentas" constatadas por Apoena, não passam de uma espécie de sarna bastante difundida entre os índios brasileiros".

Frisando sempre não que-

rer manter polêmica com Apoena, Orlando Villas Boas declarou-se estar "acima de discussões infantis. Não é agora, depois de mais de 30 anos entre os índios e quase 60 de idade, que vou perder tempo em refutar declarações. Minha experiência me diz que devo silenciar-me".

"Eu vi Apoena nascer e, apesar de jovem, eu o respeito muito como sertanista. Só não vejo coerência em seu desejo de abandonar a frente de atração dos Kranhacãrores só para evitar discussões comigo. Reconheço, diz Orlando, que há divergências entre nós quanto a política indigenista, mas não a tal ponto de levá-lo a essa decisão. Acima de tudo, está o interesse do índio". E concluiu:

"Só um trabalho conjunto, sério e contínuo de todos os sertanistas é que pode preservar ainda o pouco que resta do nosso índio. Divergências políticas ou pessoais somente servem para dividir, truncar nosso trabalho. E quem perde com isso, o mais prejudicado, é o índio".